

O problema do desligamento-ligação entre discurso filosófico-especulativo e discurso poético-metafórico em Paul Ricoeur

The problem of disconnection-connection between philosophical-speculative discourse and poetic-metaphorical discourse in Paul Ricoeur

Roberto Roque Lauxen*

RESUMO: O artigo expõe o problema do desligamento-ligação entre discurso filosófico-especulativo e discurso poético-metafórico em Paul Ricoeur. Após uma breve introdução e apreciação do conjunto das teses do autor, primeira parte, apresenta as posições em conflito que nosso autor procura arbitrar, que podem ser divididas em dois grupos: os que apontam para uma solução descontínua entre filosofia e poética, a posição de Aristóteles, de Tomas de Aquino e de Heidegger, respectivamente, parte dois, três e quatro; e os que apontam para uma solução de continuidade: Heidegger num certo sentido, mas, sobretudo, Derrida, que reverte a ordem de prioridade fazendo o filosófico se movimentar no interior do metafórico, parte cinco. Após apresentar a leitura crítica que Ricoeur faz destes interlocutores, corrigindo alguns modos errôneos de concebê-las, apresenta sua própria posição – de alguma forma já configurada no confronto com seus pares. De um lado, promove a descontinuidade entre o poético-metafórico e filosófico-especulativo, porém equilibrado pelo conceito de interpretação que não deixa os pólos em tensão recaírem, seja para o lado da metaforicidade geral, seja para lado do saber absoluto, parte seis; de outro lado, mostra como o autor busca pontos de contato entre aqueles pólos em relação aos postulados da referência do discurso enquanto pensados como eclosão de um ato ou potência, parte sete.

PALAVRAS-CHAVE: Metáfora. Poética. Discurso. Ontologia. Metafísica.

ABSTRACT: The article presents the problem of disconnection-connection between philosophical-speculative discourse and metaphorical-poetic discourse in Paul Ricoeur. After a brief introduction and evaluation of set the theses of the author, first part, present the conflicting positions that our author pursuit to arbitrate, which can be divided into two groups: those who point to a discontinuous solution between philosophy and poetry, the position of Aristotle, Thomas Aquinas and Heidegger, respectively, part two, three and four, and those who point to a solution of continuity: Heidegger in a sense, but more importantly, Derrida, that reverses the order of priority, making the philosophical if to put into motion in the interior of the metaphorical, part five. After presenting the critical reading Ricoeur makes of these interlocutors, correcting some erroneous ways of conceiving them, present their own position – to some extent already established in comparison with their peers. On one side, promotes the discontinuity between the poetic-metaphorical and philosophical-speculative, but balanced by the concept of interpretation that does not leave the poles in tension fall, either for the side of the general metaphoricity, either for the side of absolute knowing, part six; on other side, show how the author seeks points of contact between those poles, in relation to the postulates of reference of poetic speech while thought as a outbreak of power or act, part seven.

KEYWORDS: Metaphor. Poetics. Discourse. Ontology. Metaphysics.

* Doutorando em Filosofia – UNISINOS. Contato: rrlauxen@yahoo.com.br

1. Apresentação do problema e a estratégia de Paul Ricoeur

Partilhamos com o leitor uma investigação sobre o problema do desligamento-ligação entre discurso filosófico-especulativo e discurso poético-metafórico em Paul Ricoeur. Essa reflexão permite-nos pensar sobre os fundamentos *semânticos* do discurso filosófico ou poético ao mesmo tempo convida-nos a perceber algumas perplexidades. A primeira diz respeito à própria concepção da filosofia como uma modalidade de discurso. Ora, pensar a filosofia como um discurso entre outros já é colocar-se numa era pós-metafísica do pensamento, na qual compete à filosofia tarefas distintas àquelas do pensamento metafísico tradicional e da teoria do conhecimento moderna. Por exemplo, a de legitimar seu discurso a partir da lógica das proposições, como sugeriu o Wittgenstein do *Tractatus*, ou a partir de uma semântica formal como propôs Tugendhat. Estes e outros intentos não nos causam surpresa no contexto contemporâneo do pensamento filosófico no qual nos inserimos. O que nos surpreende, e essa é nossa segunda perplexidade, é que a filosofia, enquanto modalidade de discurso, possa ter contraído alguma dívida com o discurso poético.

Esse problema não é de pouca monta. A filosofia deve partir de algum lugar, porque não há filosofia sem pressupostos, mas a escolha da linguagem como lugar privilegiado da filosofia levanta justamente o problema de justificá-la enquanto modalidade de discurso em concorrência com outras modalidades: o científico, o teológico, o poético. Assim, a filosofia situa-se numa encruzilhada, desde que sua vocação de rainha das ciências já não lhe cai bem. Cabe perguntar: estaria aberto o flanco para a assimilação da filosofia ao discurso poético (narrativo ou literário)? Quanto a isso não faltam os que passaram a divulgá-la como literatura que se quer livre do imaginário poético e, por isso, viria a se produzir como literatura de pouca qualidade, ao desvincular-se do discurso ordinário em favor do conceitual. Essa tendência que procura equiparar literatura e filosofia – a mesma que pretende equiparar ética e estética – não satisfaz a Paul Ricoeur, tampouco a idéia de um pluralismo radical das esferas de discurso, tal como foi sugerido pelo segundo Wittgenstein. Por isso nosso autor irá propor uma nova forma de articulação e desarticulação desses diferentes campos semânticos.

A tentativa de justificar a filosofia em relação ao discurso poético é tema do oitavo e último capítulo de *A metáfora viva* de Paul Ricoeur. No sétimo capítulo dessa obra, nosso autor desenvolve o tema da referência da linguagem, o fato de a linguagem designar o seu outro, o *referente*, como pôde notar Frege. É nesse conceito semântico de linguagem, no qual a linguagem aponta para a realidade, em contraposição à clausura do universo dos signos da *semiótica*, que podemos falar em *discurso*, seja

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol. 3 – Nº 2	Novembro 2010	p.226-243
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	-----------

O desligamento-ligação entre discurso filosófico e poético em Paul Ricoeur

ele filosófico ou poético. A noção de discurso, que Ricoeur desenvolveu noutra local², possui evento e sentido e sentido e referência. O *discurso* filosófico é possível porque “a linguagem tem a capacidade reflexiva de pôr-se à distância e de considerar-se, enquanto tal e em seu conjunto, relacionada ao conjunto do que é”³. Por sua vez, o discurso metafórico, embora manifeste uma forma de referência à realidade, que cria uma tensão entre o *é e o não-é*, nunca deixa de falar do mundo, porque se a linguagem não falasse do mundo, do que ela falaria?

Diante da possibilidade ontológica aberta pela concepção *semântica* da linguagem o autor de *A metáfora viva* sente a necessidade, no último estudo dessa obra, de explicitar o tipo de ontologia implicada nos postulados de referência do discurso metafórico, ao mesmo tempo que procura defender a tese da descontinuidade entre discurso filosófico-especulativo e poético-metafórico. Teses que defende em relação a diferentes interlocutores, a partir dos quais desenvolve sua própria modalidade de desligamento-ligação entre as diferentes esferas de discurso. A eleição privilegiada de duas das modalidades de discurso, poético e filosófico, tem relação direta com o tema da metáfora em *A metáfora viva*, mas isso não impede que Ricoeur considere a articulação de outras modalidades de discurso como é o caso do discurso teológico e científico.

As posições de seus interlocutores podem ser divididas em dois grupos: os que apontam para uma solução descontínua entre filosofia e poética e os que propõem uma solução de continuidade entre as modalidades de discurso. A primeira tese é representada por Aristóteles, Tomás de Aquino e de alguma forma por Heidegger. A segunda tese é defendida por Derrida, o principal adversário de Ricoeur. A resposta de Ricoeur a cada um de seus interlocutores subdivide nossa exposição. Assim, na *segunda parte*, apresentamos a posição de Aristóteles que acentua a heterogeneidade das esferas de discurso, porque pensa que o discurso filosófico-especulativo sobre o *ser* difere do discurso poético ou metafórico, científico e teológico. Ricoeur se propõe desatar o nó semântico que preside esta desarticulação através do conceito de analogia transcendental, que não se confunde com a analogia metafórica, e assim procura testar os objetivos semânticos do discurso filosófico em relação ao teológico, científico e metafórico e seus modos de desligamento-ligação.

O problema da analogia transcendental dá entrada à *terceira parte* de nossa exposição. A escolástica produziu um misto entre discurso ontológico horizontal e discurso teológico vertical das coisas criadas ao Criador, por isso a denominação *ontoteologia*. A escolástica sustentou uma predicação analógica através de uma ontologia da participação entre finito e infinito. Mas, com Tomás de Aquino, supera esta noção de participação ao incluir a noção de *ato*, a teoria do *actus essendi*, no círculo da analogia entre finito e infinito. A *ontoteologia* manteve o projeto semântico do discurso

² RICOEUR, Paul. *Teoría de la interpretación: Discurso y excedente de sentido*. Trad. Graciela Monges Nicolau. México: Siglo veintiuno editores, 2003.

³ RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 2000, p. 466

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol. 3 – Nº 2	Novembro 2010	p.226-243
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	-----------

O desligamento-ligação entre discurso filosófico e poético em Paul Ricoeur

especulativo, da analogia transcendental em relação à metáfora, porém também propôs novas modalidades de integração, através da analogia de atribuição, quando, por exemplo, Deus é nomeado Leão; neste caso, “o especulativo verticaliza a metáfora, enquanto o poético dá um revestimento icônico à analogia especulativa”⁴.

A versão subversiva ou solução de continuidade entre poética e filosofia, em que o filosófico se movimenta no interior do metafórico, ou se produz como esquecimento do metafórico, foi proposta por Nietzsche e seguida de perto por Heidegger e Derrida. Quanto a Heidegger, *quarta parte*, Ricoeur não discorda de que possa haver uma sintonia entre metafórico e metafísico, desde que se entenda o metafísico como ato e potência e desde que se entenda a metáfora como metáfora *viva* e não como alegoria (substituição de um nome próprio pelo figurado). Assim, corrigirá Ricoeur, a metafísica estaria de acordo com o tipo de possibilidade que a metáfora inaugura, tese que é admitida por Heidegger contra sua própria teoria erudita sobre a metáfora e a metafísica.

Quanto a Derrida, *quinta parte*, o problema é mais complexo, porque esse autor desloca o eixo de discussão da metáfora viva para a metáfora morta. Nesse sentido o metafísico se produziria como apagamento do metafórico, esquecido pelo uso, como a esfinge da moeda apagada que perdeu seu valor; tais são as noções de fundamento, de iluminação, etc, do discurso metafísico. Ricoeur, a partir de Kant, mostra que a teoria da imaginação que preside a metáfora e também o conceito deve ser distinguida, porque “a *imaginatio* é o reino do ‘semelhante’, o *intellectio* é o do ‘mesmo’”⁵. São regimes de discurso diferentes. A questão decisiva de Ricoeur, no confronto com Derrida, é mostrar que o especulativo abre um horizonte em que o “mesmo” funda o “semelhante” e não o contrário; enquanto o metafórico “só atinge o ‘mesmo’ como ‘semelhante’”⁶.

Em nossa exposição apresentaremos apenas as teses críticas de Ricoeur ao autor de *Mitologia branca*, não a resposta de Derrida em *Le Retrait de la métaphore*⁷, ocasião em que reclama de Ricoeur não ter feito justiça ao seu texto. Temos consciência de que estamos interrompendo um diálogo, que na verdade não ocorreu, tendo em vista que Ricoeur não se pronunciou a respeito, mas este será um assunto para outra ocasião.

Após confrontar a leitura crítica que Ricoeur faz destes interlocutores, apresentamos a sua própria posição nas *partes seis e sete*. Por um lado, ele preserva a descontinuidade entre poética e filosofia, a exemplo de Aristóteles, que possibilita a autonomia do discurso filosófico-especulativo – posição demonstrada no confronto com os diferentes contra-exemplos. Porém procura equilibrar o discurso filosófico através do conceito de interpretação que não deixa os pólos em tensão recaírem,

⁴ RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 2000, p. 431

⁵ RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 2000, p. 461

⁶ RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 2000, p. 462

⁷ Tivemos acesso apenas à tradução castelhana: DERRIDA, Jaques. “La retirada de la metáfora”. *Cuadernos Gris*, n. 2, 1997, p. 209-233

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol. 3 – Nº 2	Novembro 2010	p.226-243
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	-----------

 O desligamento-ligação entre discurso filosófico e poético em Paul Ricoeur

seja para o lado da metaforicidade geral, seja para o do saber absoluto. De outro lado, preserva a continuidade entre o metafórico e o metafísico através dos postulados de referência do discurso metafórico, ou seja, a possibilidade de redescrição da realidade que a metáfora *viva* produz, a qual torna o real uma eclosão de possibilidades que converge para a noção de ato e potência do discurso ontológico.

A tese conciliadora de Ricoeur mantém “a heterogeneidade dos discursos em geral”, pautada pela “irreducibilidade do discurso transcendental ou especulativo ao discurso poético em particular”⁸, mas acrescenta ao pluralismo radical do segundo Wittgenstein, a “fecundidade da interseção entre seus objetivos semânticos”⁹.

Disso deriva uma dupla tarefa para Ricoeur: primeiro, “edificar sobre a diferença reconhecida entre modalidades de discurso uma teoria geral das interseções entre esferas do discurso”, a convergência em seus objetivos semânticos: o caso da analogia e da ontologia. Em seguida, “propor uma interpretação da ontologia implícita aos postulados da referência metafórica”¹⁰, que também coopera para a teoria geral das interseções; na medida em que se elege a teoria do ser como ato e potência, permite-se o trânsito entre o poético e o especulativo.

2 Aristóteles e a autonomia do discurso filosófico face ao metafórico

Aristóteles representa para Ricoeur mais do que um contra-exemplo para a defesa de sua tese de desligamento-ligação entre modalidades de discurso. Na verdade as teses de Ricoeur procuram desenvolver a própria intuição original de Aristóteles, porém com novos recursos, em função de um novo contexto e em torno de um núcleo de problemas diverso. A tese que Ricoeur defende é dupla, recordamos: (a) preservar a pluralidade das esferas de discurso, sem cair no pluralismo radical, e (b) a fecundidade da interseção entre seus objetivos semânticos.

a) Quanto à pluralidade das esferas de discurso, Aristóteles pensou uma modalidade de discurso ontológico que permanece inconfundível com o discurso teológico, científico e metafórico. O discurso ontológico não se confunde com o *científico*, porque o ser não é um gênero e não pertence a uma classe de seres. O recurso à analogia transcendental foi decisivo para demarcar a autonomia do discurso ontológico sobre o científico. A analogia, embora tenha sido descartada por lógicos e

⁸ RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 2000, p. 404

⁹ RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 2000, p. 407

¹⁰ RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 2000, p. 453-454. Esta interação se dá entre seus objetivos semânticos, porque a analogia preside o poético e o especulativo. A analogia opera no filosófico, mas não se reduz à analogia poética. Daí a importância de Aristóteles, porém Ricoeur acrescenta uma modalidade intermediária de discurso no plano filosófico: a *interpretação*. Esta modalidade de discurso articula ambos os discursos, filosófico e poético.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol. 3 – Nº 2	Novembro 2010	p.226-243
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	-----------

 O desligamento-ligação entre discurso filosófico e poético em Paul Ricoeur

epistemólogos contemporâneos como uma pseudociência¹¹, contribuiu decisivamente para manter a autonomia do discurso ontológico sobre o científico.

Da mesma forma o discurso ontológico não se confunde com o discurso *teológico*, porque o ser se aplica a coisas físicas, nas quais é possível distinguir substância, quantidade, qualidade, essência, acidentes etc, e tem sua base na idéia de movimento. Ora, afirma Ricoeur, “o movimento faz com que a ontologia não seja uma teologia”¹². O discurso teológico ao negar o movimento é atribuído por meio de negações: in-finito, in-corporeo etc.

Mas a questão principal, que trataremos de elucidar na sequência, recai sobre a relação entre discurso *poético* e discurso ontológico que recebeu um tratamento central em *A metáfora viva*, em função do tema da metáfora e, sobretudo, por causa da semelhança estrutural em torno do conceito de analogia que preside tanto o discurso metafórico, quanto o discurso ontológico.

b) A segunda tese de Ricoeur procura pensar as modalidades de integração das esferas de discurso. Ora, pensar a integração não significa subsumir todas as modalidades num discurso ontológico unívoco. É ainda um problema em Aristóteles saber em que medida o discurso das múltiplas significações do ser se cruza com o discurso de uma ciência unitária. A mudança que Ricoeur irá operar nessa ontologia dá importância decisiva para a noção de ser como ato e potência, que se vincula ao *possível* da referência metafórica. A convergência ontológica deriva de certa convergência semântica através da noção de analogia, que Ricoeur tem o cuidado de distingui-la adequadamente para preservar a autonomia do discurso especulativo. Assim temos dois modos de convergência possível: no plano semântico, através das nuances do conceito de analogia e no plano ontológico, através da teoria do ato e potência.

Aristóteles é pai dessa proposta de uma unidade analógica entre as múltiplas significações do ser que não se coaduna com a analogia metafórica. Ricoeur se pergunta então se o discurso filosófico não teria uma dívida com o discurso poético ou figurativo, sempre que ele recorre à analogia, esta modalidade intermediária entre univocidade e equivocidade. Ora se o discurso filosófico apenas reproduzisse o funcionamento semântico do discurso poético, ele seria então induzido pelo discurso poético, como suspeitou Derrida a exemplo de Nietzsche. De fato a palavra analogia parece pertencer aos dois discursos, porém, em Aristóteles a doutrina transcendental da analogia, da unidade analógica das significações múltiplas do ser, e o processo ordenado das categorias em relação ao termo primeiro (*ousia*), produzem um exemplo de analogia que não se confunde com o funcionamento semântico da

¹¹ Aristóteles estende a noção de analogia para outros campos como a biologia, por exemplo, a relação entre função e órgão: os animais que não possuem pulmão, por analogia, devem ter um órgão que exerça esta função. Esse método não foi abandonado pela zoologia e atual.

¹² RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 2000, p. 409

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol. 3 – Nº 2	Novembro 2010	p.226-243
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	-----------

O desligamento-ligação entre discurso filosófico e poético em Paul Ricoeur

enunciação metafórica. Como nos diz Ricoeur, “não há nenhuma passagem direta entre o funcionamento semântico da enunciação metafórica e a doutrina transcendental da analogia”¹³.

As análises de Aristóteles permitem esclarecer o desvio inicial entre discurso especulativo e discurso poético. O tratado das *Categorias* e a *Metafísica* produzem em conjunto um modelo não-poético da equivocidade e “uma teoria não metafórica da analogia”, a partir das quais é possível pensar a “irreducibilidade do discurso transcendental ou especulativo ao discurso poético”¹⁵. A possibilidade de se pensar esta semelhança não metafórica da relação de cada ser com a substância levou Aristóteles a superar a teoria da participação de Platão, das idéias paradigmáticas (invisíveis) como reduplicação do mundo (visível)¹⁶, que reproduz o esquema metafórico na relação do próprio ao figurado. Para Aristóteles a filosofia *não deve* metaforizar, mesmo quando se trate de significações equívocas do ser. A questão para Ricoeur não é se ela *deve*, mas se ela *pode*, procura justificar tal alternativa.

Em Aristóteles o discurso especulativo – que se sustenta em última análise no conceito de analogia – tem uma base distinta do discurso poético e não se confunde com as categorias da língua, como sugeriu Benveniste, porque a língua não orientou a evidência metafísica do ser, que foi obra de uma larga tradição desde Parmênides. É nessa tradição que se funda o discurso especulativo, da qual Aristóteles é herdeiro. Outra origem distinta foi proposta por Kant em sua dedução transcendental das categorias.

Aristóteles no tratado das *Categorias* introduziu, pela primeira vez, um sentido intermediário entre expressões equívocas e unívocas que abre uma brecha para pensar o significado da analogia, trata-se dos *homônimos não-acidentais*¹⁷. A partir desta teoria dos homônimos abre-se uma cadeia

¹³ RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 2000, p. 392

¹⁵ RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 2000, p. 404

¹⁶ ARISTÓTELES, *Metafísica*, A, 9, 991a 19-22

¹⁷ A distinção introduzida no tratado opõe dois sentidos da cópula “é” (ser, “ser-dito de...”, assim homem substância segunda *é dito de* Sócrates substância primeira que se relaciona à sinonímia numa relação *do particular para o geral* que dá lugar à predicação em sentido estrito; e “ser-em”, por exemplo, músico, acidente da substância Sócrates (*é nele* ser músico, *não é dele* essencialmente), que está numa relação *do concreto ao abstrato* que dá lugar à predicação em sentido amplo. A primeira oposição tem sentido realista, ligada à materialidade das substâncias individuais; a segunda, sentido conceitualista, “toma o lugar da pretensa participação das idéias platônicas, denunciada por Aristóteles como simplesmente metafórica. O abstrato está em potência no concreto” (RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*, p. 400). A analogia é mencionada de forma implícita “no fato das modalidades sintáticas da cópula ao se diversificarem, enfraquecerem continuamente o sentido da cópula, enquanto se distancia da predicação essencial primordial – a única que tem um sentido sinónimoico – para a predicação acidental derivada” (RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*, p. 400), que se traduz nos *homônimos não-acidentais*, por exemplo, quando se diz que o “medicinal” se atribui ao médico, à operação, ao paciente, etc. É este enfraquecimento da cópula que preside na *Metafísica* a vinculação das “configurações da predicação – portanto as categorias – às possibilidades de equivocação da primeira categoria, a *ousia*” (RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*, p. 400), mas é porque a predicação pode não envolver nem uma relação do elemento com o conjunto nem uma relação de parte com o todo, que ela é um dado intuitivo último, que vai “da inerência à proporção e da proporção à proporcionalidade” (RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*, p. 401), ou seja, “a analogia designa virtualmente o enfraquecimento progressivo da precisão da função predicativa, à medida que se passa da

O desligamento-ligação entre discurso filosófico e poético em Paul Ricoeur

contínua até *Metafísica*. Na *Metafísica* a questão decisiva “o que é o ser?” rompe com o discurso poético e o discurso ordinário e demarca uma relação de exterioridade do discurso especulativo em relação a todos os outros jogos de linguagem. O paradoxo de que “o ser se diz de muitos modos”¹⁸ é regulada por um termo primeiro, a substância. Toda predicação remete à noção de substância, comenta Ricoeur: “afastamento a partir de um centro ‘substancial’, e de crescimento de sentido por acréscimo de determinações” que mantém a unidade na multiplicidade, uma “equivocidade regulada do ser”. Assim “o discurso filosófico instaura-se como guardião vigilante das extensões de sentido reguladas” pela *ousia*, “sobre o fundo das quais se destacam as extensões de sentido inéditas do discurso poético”¹⁹. O metafórico ou poético lida com o possível, o filosófico com o necessário ou substancial. Se à primeira vista temos dois planos de discursos antagônicos, Ricoeur na sequência de suas análises irá verificar a possibilidade de interação dessas esferas de discurso. Mas é ainda através da reapropriação de uma passagem da *Poética* de Aristóteles que Ricoeur chamará a atenção para a relação entre poética e ontologia, como veremos.

Além das acepções múltiplas do ser, Aristóteles tem como propósito pensar uma ciência una, a partir da noção de *ousia*. Quanto a isto, a interpretação aporética de Aubenque, para o qual não há solução possível entre as múltiplas significações do ser e o discurso teológico do ser separado²⁰, torna a ontologia uma ciência procurada, uma meta a atingir que não encontra seu acabamento. Para Ricoeur, a leitura de Aubenque permanece no círculo entre dialética e ontologia. A tradição posterior propôs como solução a esta aporia do discurso ontológico, o círculo entre ontologia e teologia. Neste caso, a analogia se impõe de fora, precisamente da teologia herdada do platonismo.

Não diremos nada aqui sobre a análise fina que Ricoeur opera dessa reinterpretação contemporânea de Aristóteles para compreender o sentido transcendental da analogia nos textos de Aristóteles. Queremos apenas comentar o significado deste intento, pois em continuidade com o problema da analogia se decide a legitimidade do discurso filosófico. Ricoeur não pára na descoberta da analogia transcendental por Aristóteles, que dá um passo para além da metáfora, na medida em que arranca a equivocidade da poesia e a incorpora ao discurso filosófico, subtraindo-o ao império da univocidade²¹.

Esse passo importante dado por Aristóteles para a posteridade, foi duramente criticado por lógicos e filósofos contemporâneos, que mantiveram o tema da analogia na conta de uma pseudociência, uma vez que a filosofia se ocupa com as significações unívocas. Na filosofia moderna a analogia desapareceu quando com Russell, Wittgenstein e Carnap, uma única significação

predicação primordial à derivada, e da predicação essencial à accidental” (RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 2000, p. 402-403).

¹⁸ ARISTÓTELES, *Metafísica*, E, 2, 1026b, 5

¹⁹ RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 2000, p. 396

²⁰ RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 2000, p. 408

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol. 3 – Nº 2	Novembro 2010	p.226-243
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	-----------

 O desligamento-ligação entre discurso filosófico e poético em Paul Ricoeur

fundamental foi reconhecida à cópula, a saber, o pertencimento do elemento a uma classe. Um dos primeiros passos no caminho adiante da analogia transcendental é seguir o exemplo do lógico moderno que é “mais sensível que os medievais à lacuna lógica que interrompe a extensão da analogia, em seu trajeto da matemática à metafísica”²².

O tipo de semelhança puramente transcendental que Aristóteles destinou ao discurso filosófico sobre o ser, não se confunde com o discurso da ciência – se ciência é pensar por gêneros – e nem com a semelhança que preside o discurso poético. Entender como se constitui o significado puramente transcendental da analogia, é para Ricoeur compreender o significado essencial do discurso filosófico. Em nosso modo de ver, esse modelo semântico do discurso intermediário entre o equívoco e o unívoco, que a analogia transcendental propõe, é um eixo *permanente* do modo de filosofar, a que se associa o conceito de *interpretação* e da *atestação*.

A reapropriação que Ricoeur faz da ontologia de Aristóteles através do conceito de analogia transcendental permite isolar um campo distinto ao discurso especulativo em relação ao teológico, científico e metafórico. Além disso, ao priorizar-se da noção de ato e potência em detrimento da noção de substância, inaugura-se uma modalidade de discurso ontológico compatível com a eclosão de possibilidades de mundo da referência metafórica. Esta alternativa inusitada não poderia ser prevista por Aristóteles, herdeiro que foi da velha retórica, que compreende a metáfora através da teoria da substituição dos nomes. É com os recursos de uma nova teoria da metáfora, que Ricoeur leva a cabo em *A metáfora viva*, ressaltando a teoria da tensão e da referência-refiguração do real, que ele torna possível uma modalidade de integração de esferas de discurso, a primeira vista incompatíveis.

3 A ontoteologia e a analogia

Para Ricoeur, Aristóteles produziu um modelo semântico não metafórico em torno da analogia que pôde superar a confusão platônica entre o metafórico e o metafísico da teoria da participação (ter uma parte do que “outro” tem em plenitude), ou seja, superar o modelo figurativo do mundo. Em continuidade com Aristóteles a teoria do ser na escolástica, produziu um misto entre discurso ontológico horizontal e discurso teológico vertical das coisas criadas ao Criador, por isso a denominação *ontoteologia*. A criatura é semelhante a Deus, mas não o inverso, porque esta relação não é unívoca, no sentido da similitude por meio de algo comum; nem equívoca, que conduziria à incomunicabilidade ou ao agnosticismo; o que há é uma semelhança por imitação, análoga. A principal dificuldade é como sustentar uma predicação análoga por uma ontologia da participação entre finito e infinito. Tomás de Aquino não se deteve no exemplarismo de tipo platônico, da

²¹ RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 2000, p. 416

²² RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 2000, p. 414

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol. 3 – Nº 2	Novembro 2010	p.226-243
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	-----------

 O desligamento-ligação entre discurso filosófico e poético em Paul Ricoeur

participação por semelhante deficiente. Nos textos posteriores ao *De Veritate*, observa Ricoeur, “a causalidade não é mais a semelhança da cópia ao modelo, mas a comunicação de um ato”²³, um *actus essendi*.

Sem levar adiante os diferentes desdobramentos desta doutrina da causalidade analógica, tal como foi desenvolvida pelos medievais, a partir do caminho aberto por Aristóteles, convém ressaltar que ela preserva sempre a diferença entre analogia e metáfora, ou seja, recusa “todo compromisso com o discurso poético”. Nosso autor vê “neste cuidado o traço que distingue o projeto semântico do discurso especulativo”²⁴. Mas isto não impede que haja modalidades de interação. A metáfora se próxima da analogia transcendental quando é definida pela analogia de atribuição que só foi desenvolvida explicitamente pelos medievais – Platão e Aristóteles conheciam, sobretudo, a analogia de proporcionalidade – e pode ser subdividida em duas: atribuição *simbólica*, quando Deus, por exemplo, é chamado leão, sol, etc., em que ao lado de um significado principal se inclui um elemento material; ou atribuição *transcendental*, o caso dos predicados bom, ser, verdadeiro, que possibilitam uma definição sem defeito, sem matéria. Neste processo se produzem modalidades mistas de discurso no qual “o especulativo verticaliza a metáfora, enquanto o poético dá um revestimento icônico à analogia especulativa”²⁵.

4 A crítica restrita do metafórico e do metafísico em Heidegger

Para Aristóteles e a tradição da ontoteologia o discurso especulativo tinha uma intenção própria, com Nietzsche o filosófico se movimenta no interior da metáfora e se produz como esquecimento do metafórico. Um primeiro adepto desta posição é Heidegger, o segundo, Derrida.

Em *Le principe de raison* Heidegger explicita os vínculos da metáfora com o discurso especulativo ou metafísico, ao interpretar certas metáforas filosóficas ou filosofemas, tais como, “o pensamento olha escutando e escuta olhando”²⁶. Nesta expressão se produz, segundo ele, um mesmo processo de transferência: o metafórico do próprio ao figurado e o metafísico do visível ao invisível, transferência que ele formula num adágio lapidar: “o metafórico só existe no interior da metafísica”²⁷.

O que perturba neste adágio, observa Ricoeur, é o fato de ele identificar muito rapidamente a analogia do metafísico com o metafórico, que Aristóteles teve já o cuidado de discernir. Por isso Ricoeur aponta os limites dessa aproximação. Primeiro, porque Heidegger limitou o campo da abordagem da metáfora a metáforas filosóficas (filosofemas) e não a metáforas poéticas. Segundo, o

²³ RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 2000, p. 424

²⁴ RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 2000, p. 427

²⁵ RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 2000, p. 431

²⁶ HEIDEGGER, Martin. *Le principe de raison*. France: Gallimard, 2003, p. 127

²⁷ HEIDEGGER, Martin. *Le principe de raison*. France: Gallimard, 2003, p. 126

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol. 3 – Nº 2	Novembro 2010	p.226-243
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	-----------

O desligamento-ligação entre discurso filosófico e poético em Paul Ricoeur

sentido reduzido de sua semântica da metáfora fundada na *alegoria*, no limite entre o próprio e o figurado e no plano de uma teoria da substituição de nomes, que Ricoeur teve o cuidado de rever nos seus estudos de *A metáfora viva*. Terceiro, o sentido limitado dado ao metafísico, compreendido nos termos de uma teoria platônica do sensível e do não-sensível²⁸.

Ricoeur considera que toda sua própria empreitada se volta contra esta simplificação da metáfora e se propõe fazer uma leitura positiva do texto de Heidegger reformulando suas teses. Ora se “o pensamento olha escutando e escuta olhando”, esta verdadeira metáfora não tem nada a ver com a teoria erudita da metáfora, implícita ao texto de Heidegger. Trata-se legitimamente de uma metáfora *viva* “que produz um desvio em relação à linguagem ordinária”, e pergunta Ricoeur: “não é este desvio o da verdadeira metáfora?”²⁹. Sendo assim, se a leitura de Ricoeur é correta, a analogia entre metafísica do visível e invisível e a metáfora do próprio e figurado não é correta, porque o metafórico, enquanto metáfora *viva*, está do lado do *possível* (não do próprio e figurado) que é presidida pela metafísica do ato e potência (não do visível e invisível). Por isso, conclui Ricoeur, que o *uso* que Heidegger faz da metáfora é mais significativo que sua crítica a ela.

Ricoeur não discorda de Heidegger de que possa haver uma sintonia entre metafórico e metafísico, desde que se entenda o metafísico como ato e potência e desde que se entenda a metáfora como metáfora *viva* e não como alegoria (substituição de um nome próprio pelo figurado). Assim, a metafísica estaria de acordo com o tipo de possibilidade que a metáfora inaugura. Na última parte voltaremos a este ponto. Em Heidegger o discurso filosófico e os filosofemas ainda são animados pela metáfora *viva*. O passo dado por Derrida desloca o eixo de discussão da metáfora *viva* para a metáfora *morta*.

5 A deconstrução do metafórico e do metafísico em Derrida

Para Ricoeur esta crítica de Heidegger é ainda restrita se levarmos em conta a crítica deconstrutiva operada por Derrida em sua *Mitologia branca*³⁰, que está em continuidade com a de Heidegger³¹. O empreendimento de Derrida constitui para Ricoeur um deslocamento da metáfora *viva*

²⁸ RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 2000, p. 435-436

²⁹ RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 2000, p. 437

³⁰ Referência ao texto, “A mitologia branca: a metáfora no texto filosófico”. In: DERRIDA, Jacques. *Margens da filosofia*. Campinas: Papyrus, 1991, p. 249-313

³¹ Em *La retirada de la metáfora* Derrida se surpreende com tal assimilação de seu intento com o de Heidegger, que Ricoeur produziu em sua interpretação. Neste texto Derrida justifica porque esta assimilação está equivocada e faz notar que seu próprio empreendimento está mais de acordo com o de Ricoeur do que a que foi apontada por sua crítica a ele.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol. 3 – Nº 2	Novembro 2010	p.226-243
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	-----------

O desligamento-ligação entre discurso filosófico e poético em Paul Ricoeur

para a metáfora morta. Ricoeur distingue dois planos na argumentação de Derrida, que ele pretende rebater: o processo de usura da metáfora no discurso filosófico e o processo de transferência³².

A motivação principal de Derrida pode ser elucidada no próprio título do seu ensaio *Mitologia branca*: a metáfora da *esfinge apagada da moeda* que traduz seu conceito de *usura* relacionado à idéia de “metaforicidade sem limites”. Derrida comenta um texto da *Estética* (§ 3) de Hegel onde ele afirma que os conceitos filosóficos – não conceitos empíricos – são significações sensíveis usadas, transpostas para a ordem espiritual que se tornou própria e; a significação abstrata própria, o apagamento e esquecimento do metafórico que se tornou impróprio. O que Hegel chama de superação (*Aufhebung*) da significação sensível no sentido espiritual – tornada expressão própria – em seu intercurso de *inovação de sentido*, “Derrida vê somente a usura da metáfora e um movimento de idealização por dissimulação da origem metafórica”³³. Onde a metáfora se apaga ergue-se o conceito metafísico.

Ricoeur aponta a sinonímia entre o metafórico e o metafísico em Derrida: “não há discurso sobre a metáfora que não se diga em uma rede conceitual metaforicamente engendrada. Não há lugar não-metafórico donde se perceba a ordem e a clausura do campo metafórico”³⁴. Para Derrida, observa Ricoeur, “a usura da metáfora se dissimula na ‘superação’ (*Aufhebung*) do conceito”, então, “reviver a metáfora é desmascarar o conceito”. Este é o motivo da hermenêutica da suspeita de Derrida que faz parte de uma estratégia mais ampla da desconstrução que visa, como nos diz Ricoeur, “arruinar pela aporia o discurso metafísico”³⁵.

Derrida ao tentar saturar o campo do metafórico em relação ao filosófico apenas pode admitir que os filosofemas possuem algumas peculiaridades: remetem para outras metáforas. As metáforas dominantes como a do sol, do solo-fundamento e da casa-retorno são as que asseguram a unidade da metafísica, segundo ele³⁶.

Ricoeur realiza uma interpretação diferente desta transposição hegeliana de onde parte a tese chave de Derrida da usura do metafórico que se esconde no metafísico. Ricoeur joga um papel decisivo sobre a análise semântica da metáfora, que ele tratou de esclarecer em *A metáfora viva*. É a partir desta análise que irá reconsiderar a linguagem filosófica no interior não apenas da usura, mas da produtividade metafórica, em função da redescrição da realidade que o discurso filosófico, a exemplo

³² Afirmamos de entrada que a exposição que faremos ao texto onde Ricoeur critica as posições de Derrida, não levará em conta a contrapartida de Derrida em *La retirada de la metáfora*. Neste texto Derrida se defende da leitura que Ricoeur fez do texto “mitologia branca”, sobretudo em relação ao processo de usura da metáfora, que segundo Derrida iria em sentido inverso ao que Ricoeur apresenta em seu texto e mais de acordo com a própria posição de Ricoeur e nunca em favor de Heidegger como Ricoeur propôs.

³³ RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 2000, p. 441

³⁴ RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 2000, p. 442

³⁵ RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 2000, p. 443.

³⁶ DERRIDA, Jacques. *A mitologia branca*. In: DERRIDA, Jacques *Margens da filosofia*. Trad. Joaquim Torres Costa; Antônio M. Magalhães. Campinas: Papirus, 1991, p. 249-313

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol. 3 – Nº 2	Novembro 2010	p.226-243
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	-----------

O desligamento-ligação entre discurso filosófico e poético em Paul Ricoeur

da metáfora viva, promove. A questão principal contra Derrida ficará por conta deste processo de reviver a metáfora. Para Ricoeur “reviver a metáfora morta não é de modo algum desmascarar o conceito”, além do mais, “o conceito não tem sua gênese integral no processo pelo qual a metáfora se lexicalizou”³⁷, tem autonomia sobre o metafórico, como pôde ser notado na passagem por Aristóteles.

A partir da semântica dos enunciados metafóricos, nosso autor procura analisar os *filosofemas*. Considera que o processo de criação de novas significações, vinculadas a uma nova maneira de questionar, realizada pelo filósofo, põe a linguagem em estado de carência semântica onde intervêm as metáforas lexicalizadas. Porém, quando se fala de metáfora em filosofia devemos distinguir o uso “extensivo” das palavras da linguagem ordinária, ou seja, de *metáforas lexicalizadas* (mortas), do objetivo de “suprir as palavras que faltam à língua para certas idéias”, ou seja, dos processos no qual o discurso filósofo recorre “à metáfora viva [...] para trazer à luz novos aspectos da realidade”³⁸.

Quanto ao processo de transferência Ricoeur retoma a argumentação de Hegel e faz questão de ressaltar a diferença entre o processo de superação (*Aufhebung*) e o processo de *transferência* metafórica na constituição dos conceitos filosóficos. O que Ricoeur quer ressaltar com esta distinção é que o fenômeno da usura faz parte do processo da operação conceitual, mas não envolve todo o processo. Neste sentido é preciso mostrar a contradição que incorre a argumentação de Derrida ao aceitar a saturação do campo metafórico e de seu processo de usura:

[...] a conversão da usura em pensamento não é a própria usura. Se estas duas operações não fossem distintas, não se poderia mais falar do conceito de usura, nem do de metáfora; não haveria a bem dizer filosofemas. Há filosofema porque um conceito pode ser ativo enquanto pensamento em uma metáfora morta. O que Hegel pensou precisamente é a via do conceito na morte da metáfora³⁹.

Reanimar a metáfora morta sob o conceito, para Ricoeur, é apenas a metade do caminho, é preciso provar ainda que a significação abstrata não é produzida por nenhum processo de usura da metáfora como tem sustentado Derrida. O conceito se produz de forma autônoma, não é da ordem metafórica.

Ricoeur cita Kant para mostrar que o esquema (símbolo) não se confunde com o conceito. Por exemplo, “o conceito de ‘fundação’ se simboliza no esquema do ‘solo’ e da ‘construção’, mas o sentido do conceito de modo algum se reduz a seu esquema”, isso porque “o abandono do sentido sensível não resulta apenas em uma expressão imprópria (metafórica), mas em uma expressão própria de ordem conceitual”⁴⁰.

³⁷ RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 2000, p. 449

³⁸ RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 2000, p. 448

³⁹ RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 2000, p. 450

⁴⁰ RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 2000, p. 450, acréscimo nosso

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol. 3 – Nº 2	Novembro 2010	p.226-243
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	-----------

 O desligamento-ligação entre discurso filosófico e poético em Paul Ricoeur

É importante lembrar que Ricoeur não é inimigo desta hermenêutica da suspeita. Ele mesmo favoreceu a crítica das ilusões presentes no imaginário pessoal e social através do método da crítica das ideologias e da psicanálise no desdobramento de sua hermenêutica. Porém uma pergunta persiste: por que Ricoeur não incorporou a desconstrução de Derrida como uma mediação no seu programa crítico de suspeita? Segundo a hipótese de François Dosse⁴¹, Ricoeur parte de uma noção *semântica* de discurso herdada de Benveniste que não pactua com a clausura do universo dos signos da semiótica e compreende a linguagem como evento e inovação semântica, ao passo que a desconstrução, como foi lida por Ricoeur, é de matriz semiótica. Embora ambos se aproximem do ato criativo da poética, para Derrida a poética é uma força de desconstrução de novos signos, para Ricoeur ela é matéria de inovação semântica e veemência ontológica, de possibilidades.

Após criticar essa perspectiva de inversão entre discurso poético e filosófico, nosso autor se propõe ainda duas tarefas: edificar “uma teoria geral das interações entre esferas do discurso” e “propor uma interpretação da ontologia implícita aos postulados da referência metafórica”⁴³. Essa dupla tarefa corresponde aos dois últimos tópicos desta nossa abordagem que vem também complementar esta crítica a Derrida.

6 A articulação das esferas de discurso

Para Ricoeur o núcleo comum entre Heidegger e Derrida é “a pretensa convivência entre o par metafórico do próprio e do figurado e o par metafísico do visível e do invisível”⁴⁴. Ricoeur não considera esta relação necessária e fará frente a ela ao reconhecer a diferença entre as modalidades de discurso, justificando a heterogeneidade do especulativo sobre o metafórico com a seguinte tese: por um lado, “o discurso especulativo tem a sua *possibilidade* no dinamismo semântico da enunciação metafórica e, por outro lado, ele tem sua *necessidade* em si mesmo”⁴⁵.

Por um lado, o dinamismo semântico da enunciação metafórica possibilita o discurso especulativo. A metáfora vem completar este dinamismo semântico da linguagem enquanto sentido e referência, através de sua inovação semântica e sua veemência ontológica. Mas este esboço semântico é ainda incompleto em relação à determinação conceitual. A inovação semântica, o ganho em

⁴¹ DOSSE, François. Paul Ricoeur: *Le sens d'une vie*. Paris: La Découverte, 2001, p. 430-434

⁴³ RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 2000, p. 453-454

⁴⁴ RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 2000, p. 452. Como já comentamos nas notas 31 e 32, Derrida não concorda com semelhante assimilação de seu projeto a Heidegger.

⁴⁵ RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 2000, p. 454

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol. 3 – Nº 2	Novembro 2010	p.226-243
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	-----------

O desligamento-ligação entre discurso filosófico e poético em Paul Ricoeur

significação do processo metafórico resultante da tensão⁴⁶ e do tipo de visão estereoscópica que este dinamismo produz, não se constitui diretamente em ganho conceitual, “é uma demanda pelo conceito, mas não ainda um saber pelo conceito”⁴⁷. A estratégia do “ver como”, de ver isso como aquilo, do trabalho de semelhança da metáfora, não atinge o nível da identidade do sentido, porque o “semelhante” é imperfeito em relação ao “mesmo”. Porém, apesar dessa diferença, é possível apreender o “mesmo” pelo “semelhante”, é possível associar à imaginação produtiva a esquematização de um sentido novo. Disso decorre que o metafórico *possibilita* um ganho de significação que é um ganho conceitual, não apenas no sentido alegórico, de figurar o que poderia ser dito de forma direta, mas de um ganho conceitual, tais como os diferentes filosofemas ou os aforismos, que Nietzsche assumiu como estilo próprio de seu modo de filosofar.

Por outro lado, o discurso especulativo encontra sua *necessidade* em si mesmo. Ele “organiza as noções primeiras, os princípios, que articulam primordialmente o espaço do conceito”, “é a condição de possibilidade do conceitual”⁴⁸. É um discurso de segundo grau que exprime a sistematicidade do conceitual numa metalinguagem. Este discurso, apesar de pertencer ao conjunto da língua, como sugeriu Benveniste, tem uma orientação própria contidas nas possibilidades metafísicas do uso da língua, que foram desenvolvidas por uma larga tradição. Num texto mais recente Ricoeur se refere a este discurso de segundo grau como a função “meta” do pensar⁴⁹. Se esta função “meta” tem alguma relação com o “meta” do metafórico é “ao preço de uma transmutação resultante de sua transferência para outro espaço de sentido”⁵⁰. Ricoeur retoma as considerações de Husserl nas *Ideen I* para dizer que o discurso especulativo não deriva da percepção ou da imagem. Estas são apenas suporte da significação lógica, porque significar é diferente de representar. Ricoeur aproveita essa crítica da “imagem” em Husserl para aplicá-la às “esquematizações predicativas” da metáfora. E completa Ricoeur: “a *imaginatio* é o reino do ‘semelhante’, o *intellectio* é o do ‘mesmo’”⁵¹. São regimes de discurso diferentes. A questão decisiva que Ricoeur favorece, no confronto com Derrida, é que o especulativo abre um horizonte em que o “mesmo” funda o “semelhante” e não o contrário; enquanto o metafórico “só atinge o ‘mesmo’ como ‘semelhante’”⁵².

O autor compreende o universo do discurso de modo conflitivo, “por um jogo de atrações e repulsões” que põe em interação domínios diferentes “sem que jamais esse jogo encontre o repouso em um saber absoluto que reabsorveria suas tensões”. A interpretação é um modo de discurso que

⁴⁶ O autor concebe três níveis da teoria da tensão dos enunciados metafóricos: “tensão entre os termos do enunciado, tensão entre interpretação literal e interpretação metafórica, tensão na referência entre é e não é” (RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 2000, p. 458)

⁴⁷ RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 2000, p. 455

⁴⁸ RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 2000, p. 460

⁴⁹ RICOEUR Paul. De la métaphysique à la morale. *Revue de Métaphysique et de Morale*, n. 4, 1993, p. 457.

⁵⁰ RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 2000, p. 454

⁵¹ RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 2000, p. 461

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol. 3 – Nº 2	Novembro 2010	p.226-243
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	-----------

 O desligamento-ligação entre discurso filosófico e poético em Paul Ricoeur

exemplifica esta tensão do universo do discurso. Ela opera a interseção de duas esferas de discurso: do discurso especulativo e do metafórico. A interpretação pretende um controle conceitual sobre o esboço semântico da metáfora, é uma racionalização que afasta a experiência que o metafórico traz à linguagem. Apenas nas interpretações redutoras o metafórico ou simbólico é abolido como ilusório, porque reduzido ao desejo, à classe, à vontade de poder. O estilo hermenêutico de interpretação “preserva o dinamismo que o conceito detém e fixa”⁵³, é um “pensar a mais” no nível do conceito que “esclarece a própria noção de metáfora viva”⁵⁴.

7 Referência poética e ontologia

A metáfora explora como nenhuma outra modalidade de discurso as possibilidades de inovação semântica. Ela representa um modelo de ruptura em relação à clausura do universo dos signos (semiótica). Para a *semântica* a linguagem é evento e sentido e sentido e referência, ou seja, ela invoca a relação da linguagem à realidade, porém não pode pensar esta relação enquanto tal, as condições que possibilitam pensar a relação entre a linguagem e mundo, o alcance da linguagem em relação ao seu outro, a realidade. É só o discurso especulativo que pode responder a estes objetivos semânticos da metáfora, sua referência, através da explicitação ontológica destes postulados de referência.

Logo de início devemos reconhecer que “é sempre *na* linguagem que se pode falar *sobre* a linguagem”. Mas este é apenas um lado da moeda, porque a linguagem tem ainda “a capacidade reflexiva de pôr-se à distância e de considerar-se, enquanto tal e em seu conjunto, relacionada ao conjunto do que é. A linguagem designa-se a si mesma e a seu outro”. O discurso especulativo é possível não apenas porque ele explora a função “meta” do pensar, mas por uma condição intrínseca à própria linguagem, a de se referir à realidade. É este saber reflexivo sobre si mesma que sabe “de seu ser-relacionado ao ser”⁵⁵; “quando falo sei que algo é trazido à linguagem”, “é necessário que algo seja para que algo seja dito”⁵⁶, pois se a linguagem não falasse do mundo do que elaalaria? Sob este pano de fundo nosso autor tratará de explicitar a ontologia implicada na referência *duplicada* do discurso poético.

Nosso autor vê na distinção entre linguagem denotativa e conotativa – na medida em que se vincula à distinção entre cognitivo e emocional ou ainda entre fora (representação) e dentro

⁵² RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 2000, p. 462

⁵³ RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 2000, p. 464

⁵⁴ RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 2000, p. 465

⁵⁵ RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 2000, p. 466

⁵⁶ RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 2000, p. 467

⁵⁹ RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 2000, p. 468

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol. 3 – Nº 2	Novembro 2010	p.226-243
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	-----------

O desligamento-ligação entre discurso filosófico e poético em Paul Ricoeur

(sentimento) – “um preconceito positivista em virtude do qual apenas o discurso científico diz a realidade”⁵⁹. O discurso poético põe entre parênteses a realidade ordinária (*descrição*) e manifesta uma referência de segundo grau regulada pelo poder de *redescrição* da realidade que assinala a presença do ante-predicativo e do pré-categorial, um mundo pré-objetivo que é trazido à linguagem. Portanto, a referência metafórica não é algo irracional, apenas demanda um conceito de verdade que vai além do verificacionismo e do conceito positivista de realidade.

Para fugir a esta visão positivista da realidade Ricoeur nos fala de uma referência duplicada, que significa a tensão da cópula “é” no ser-come da referência metafórica. É uma tensão paradoxal, pois o ser-come significa ser e não-ser. Ricoeur retira da *Retórica*, III, de Aristóteles o traço do discurso especulativo que responde a este paradoxo. Lá se afirma que “fazer um quadro” ou “pintar” é “significar as coisas em ato” é ver as coisas como a eclosão de um ato. Quando o poeta dá vida às coisas inanimadas, seus versos são movimento, *ato*. É nesse sentido que Ricoeur entende a palavra “viva” da “metáfora viva”. Assim o discurso especulativo sobre o ser é a chave da referência do discurso poético, como nos diz Ricoeur, “é no discurso especulativo que se articula o sentido último da referência do discurso poético”⁶⁰. O discurso poético interage com o discurso ontológico, não no ponto em que a metáfora por analogia cruzar com a analogia categorial, mas em relação à referência metafórica que se cruza com a ontologia do ato e potência.

Aristóteles entende por “ato”, ver as coisas como ações, que não carrega um significado antropomórfico de vê-las como a produção de alguém, o mundo como um artifício, mas “vê-las como eclosões naturais”⁶¹. Este significado se aproxima daquilo que Heidegger denomina *Ereignis* que, negativamente, é um pensamento que não se resigna ao que simplesmente acontece ou ao processo e, positivamente, designa a eclosão do aparecer.

Esta é a tentativa de Heidegger para pensar a articulação do poético e do especulativo. Tentativa que Ricoeur compartilha, por um lado, ou seja, tentativa de “um dizer mais apropriado que o dizer ordinário”⁶², que recorre ao especulativo e ao poético. As metáforas do filósofo podem assemelhar-se às do poeta, por operarem “um desvio do mundo dos objetos e da linguagem ordinária”, mas não se confundem com elas, pois “pensar não é poetizar”⁶³.

Por outro lado, esta maneira de ler Heidegger não leva em conta sua posição em relação à história da metafísica ocidental, que Ricoeur reprova com veemência, a de reduzir o pensamento especulativo à pretensa unidade da metafísica ocidental, e sua pretensão de encerrar em si próprio o acabamento final da história do ser, “sua pretensão inadmissível é pôr fim à história do ser”. Ora, “não

⁶⁰ RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 2000, p. 471

⁶¹ RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 2000, p. 473

⁶² RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 2000, p. 480

⁶³ RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 2000, p. 478

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol. 3 – Nº 2	Novembro 2010	p.226-243
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	-----------

 O desligamento-ligação entre discurso filosófico e poético em Paul Ricoeur

é a primeira vez que o ser deve ser rasurado para ser reconhecido”⁶⁴, mas ninguém tem o privilégio de opor-se a todas as outras perspectivas sobre o ser. Esta via longa até a terra prometida da ontologia é sempre um caminho por fazer.

8 A modo de conclusão

O problema principal dessa ontologia diz respeito aos próprios gêneros supremos que foram trazidos para o debate no intercurso do pensamento de Ricoeur que procuramos examinar, vale dizer, a noção de “mesmo” e de “semelhante”. Dentre as possibilidades que poderia sugerir a perspectiva de uma poética, enquanto este discurso ronda as margens da filosofia, as fronteiras, o estranho ou o “outro”, é precisamente saber qual o lugar do “outro” no discurso do “mesmo” e do “semelhante”. Será este um tema a ser tratado no contexto de uma poética? Qual o lugar do “outro” na poética? E na ética? *Si-mesmo como outro* encaminhou uma resposta para esta questão, mas este seria um tema propício para outro momento.

Referências

- ARISTOTELES. *Metafísica*. Trad. Leonel Vallandro. Porto Alegre: Globo, 1969.
- DERRIDA, Jacques. *Margens da filosofia*. Trad. Joaquim Torres Costa; Antônio M. Magalhães. Campinas: Papirus, 1991.
- _____. La retirada de la metáfora. *Cuadernos Gris*, n. 2, 1997.
- DOSSE, François. Paul Ricoeur: *Le sens d'une vie*. Paris: La Découverte, 2001.
- HEIDEGGER, Martin. *Le príncipe de raison*. France: Gallimard, 2003.
- HELENO, José M. *Hermenêutica e ontologia em Paul Ricoeur*. Lisboa: Piaget, 2001.
- RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 2000.
- _____. *Teoría de la interpretación: Discurso y excedente de sentido*. Trad. Graciela Monges Nicolau. México: Siglo veintiuno editores, 2003.
- _____. De la métaphysique à la morale. *Revue de Métaphysique et de Morale*, n. 4, 1993.

Trabalho recebido em 17/10/2010. Aceito para publicação em 28/10/2010.

⁶⁴ RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 2000, p. 480

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol. 3 – Nº 2	Novembro 2010	p.226-243
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	-----------